

CANDACES: DOIS DISCURSOS, DUAS REPRESENTAÇÕES

Cristiano Bispo¹

A expansão Romana em África promoveu disputas violentas entre romanos e etíopes pela manutenção das fronteiras ao sul do Egito. As querelas foram descritas por Estrabão e Plínio, o velho, que destacaram a belicosidade e o espírito combativo da Candace, rainha-mãe, que assumiu o controle das tropas etíopes em diversas batalhas contra os romanos. Além das representações e discursos das candaces na Antiguidade, destacaremos os desfiles da Escola de Samba Salgueiro, em 2007, e do bloco-afro Ilê Aiyê, em 2008, que se apresentaram no carnaval com as candaces como tema principal.

O conflito entre romanos e etíopes foi narrado por Estrabão, na obra [*Geographia*](#), que ocorreu de 25 a 21 a. C, época em que o Prefeito de Roma no Egito era Gaio Petrônio. Estrabão, antes de narrar o episódio, iniciou seu comentário, ressaltando a paz e a tranquilidade das regiões africanas dominadas pelo Império Romano:

O Egito encontrava-se agora, de um modo geral, predisposto à paz. O país era auto-suficiente e difíceis as invasões dos estranhos, pois estava protegida a norte por uma costa sem portos e pelo mar do Egito e a leste e oeste pelas montanhas desertas da Líbia e da Arábia, como já referi; as outras partes, as que ficam para sul, são habitadas pelos Trogloditas, Blémias, Núbios e Megabarros, aqueles etíopes que vivem para lá de Siene. Nômadas e pouco numerosos, não são guerreiros, embora os antigos julgassem que sim (...). Quanto aos etíopes que ficam para o sul de Méroe², também não são muitos, nem tão pouco vivem num único grupo (...) Não estão bem apetrechados para a guerra nem para qualquer outra forma de vida. (Str. 17, 53).

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História - UERJ. Orientação da Prof^a Dra. Marilene Rosa Nogueira e Co-orientação da Prof^a Maria Regina Cândido. O desenvolvimento desse artigo contou com o apoio do Programa de Auxílio à Pesquisa da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

² A cidade de Méroe localizava-se na região do vale Butana. Alimentada por chuvas constantes que tornava prospero a criação de animais e as colheitas, possibilitando um bom abastecimento das áreas urbanas. Tal como o Egito, a vida em Méroe estabeleceu-se nas margens do rio Nilo que constituiu o principal elemento de união deste grupo. O mais vasto limite territorial que se tem conhecimento de Méroe estendeu-se de Dakka (Núbia egípcia, próximo da Segunda Catarata) a Sennar (Nas margens do Nilo Azul).

Estrabão destacou a relativa paz no Egito devido a uma geografia que limitava as invasões estrangeiras e os numerosos grupos étnicos que não representaram nenhuma ameaça ao domínio romano na região. Segundo o autor, as tropas romanas acampadas no Egito não exigiram contingente numeroso e, na maior parte do tempo ficaram estacionadas, salvo em duas ocasiões:

Cornélio Galo, o primeiro homem a ser nomeado prefeito do Egito por César, atacou Heroópolis, que se havia revoltado, e num instante a tomou com alguns soldados e em pouco tempo abafou uma insurreição que rebentara em Tebaida por causa dos tributos. Mais tarde, Petrônio, quando uma incontável multidão de Alexandrinos começou a atacá-lo, arremessando-lhe pedras, fez-lhe frente apenas com sua guarda pessoal e, depois de haver morto alguns, deteve todos os outros. (Str. 17, 54).

Estrabão apontou para uma situação de paz e quando havia algum distúrbio, as tensões eram rapidamente apaziguadas por um contingente simples de soldados romanos. Esse ambiente de suposta harmonia foi rompido com o deslocamento de parte do exército romano estacionado no Egito para a Arábia, sob o comando de Élio Galo. Aproveitando desta temporária fragilidade, os etíopes resolveram atacar antigos postos comerciais importantes:

numa surtida inesperada tomaram Siene, Elefantina e Filas, escravizaram os habitantes e derrubaram também as estátuas de César. Petrônio, porém, mesmo partindo com menos de 10.000 homens de infantaria e 800 de cavalaria ao encontro de 30.000, forçou-os primeiramente a retroceder para Pselchis, cidade etíope, e enviou embaixadores exigindo o que tinham tomado e também a pergutarem as razões por que haviam encetado as hostilidades (...).(Str. 17, 54).

Nesse confronto, Estrabão ressaltou a fragilidade do exército etíope que estava mal equipado, onde muitos guerreiros portavam escudos de couro não curtido, lanças, espadas e machados. Séculos antes, Heródoto descreveu os armamentos e idumentárias dos combate etíopes:

(...) os etíopes se vestiam com peles de panteras e leões. Seus arcsos, feitos com hastes de madeira de tamareira, eram grandes e eles disparavam flechas curtas feitas de caniços, cuja ponta em vez de ser feita de ferro era de pedra talhada e aguçada (...) além disso, lanças rematadas com um chifre de gazela aguçado, em vez de ferro empregado geralmente nas lanças e usavam ainda bordões guarnecidos de ponta de ferro. (...). (Heródoto, VII, 69).

Petrônio, segundo Estrabão, avançou para o sul e dominou as cidades de Pselchis e Premnis, capturando centenas de etíopes. Dentre os fugitivos, enfatizou os generais da rainha de Candace³ que, segundo o autor, era uma espécie de mulher homem e zarolha⁴.

Após dominar Pselchis e Premnis, os romanos chegaram à cidade de Napata, residência real da Candace. A cidade foi arrasada, os habitantes foram escravizados e as riquezas foram saqueadas. A investida de Petrônio contra os etíopes foi exposta da seguinte forma por Dio Cássio: *“mais uma vez este os voltou a vencer e entre outras cidades tomou também Napata, sua capital, que foi completamente arrasada”*. (História Romana, 54, 4-5) Plínio acrescenta sobre a tomada de Napata:

Tomou as seguintes cidades (...) também saqueou a cidade de Napata. O ponto mais longínquo que atingiu foi a 870 milhas de Siene; mas, apesar de tudo, não foram as armas de Roma que fizeram daquela terra um deserto; a Etiópia foi desgastada por períodos alternados de domínio e submissão, numa série de guerras com o Egito. (História Natural, 6, 181-182).

³ Segundo a lista de soberanos elaborada pelo arqueólogo Hintze, a soberana da narrativa de Estrabão trata-se da Candace Amanishakete que teria governado de 41a 12 a. C.

⁴ Os comentários sobre as características físicas da rainha de Candace não corresponde com os registros iconográficos da soberana nos sítios arqueológicos do Sudão e com os objetos encontrados em sua pirâmide. Os utensílios encontrados nos sepultamentos confirmam a preocupação com a estética e zelo com o corpo, a saber: marcas de antimônio na pintura dos olhos das mulheres, varetas e recipientes para a substância, vasos de vidro que serviam para armazenar óleos corporais e espelhos.

Ao retirar-se de Napata e levar um grande espólio, reforçou a fortaleza romana de Premnis e seguiu para Alexandria. Não se dando por vencida, a Candace reorganizou suas tropas com milhares de homens para retomar a cidade fortificada pelos romanos. Contudo, Petrônio descobriu o grande deslocamento e regressou para conter a invasão.

O impasse foi grande e os emissários da Candace solicitaram conversar com César Augusto, que estava em Samos, para negociar a paz. Segundo conta Estrabão, *“os embaixadores obtiveram tudo o que imploraram e César até comutou os impostos que havia imposto”* (Str. 17, 54).

Os conflitos entre romanos e etíopes desequilibrou o projeto de paz e harmonia nesta parte da África. Por mais que tivesse um exército capaz de conter as incursões etíopes, não seria vantajoso para Roma estender confrontos em regiões tão distantes.

Além deste conflito ocorrido no governo de César Augusto, houve outros confrontos entre romanos e etíopes no deserto. Segundo o arqueólogo Shinnie, *“uma batalha entre romanos e meroenos nos é dada por um Papiro de Milão, datada segundo fontes caligráficas de 60 a 94 d. C., que descreve um encontro no deserto entre romanos e etíopes que andou envolvida uma cavalaria”*. (SHINNIE, 1974, 48).

A presença das Candaces a frente dos guerreiros etíopes e sua ativa participação nos assuntos políticos e religiosos instigaram os pensadores romanos pelas cenas inéditas e inusitadas nos conflitos que envolveram romanos e etíopes nas atuais fronteiras do Egito e Sudão.

O termo Candace, título que deriva da palavra meroíta KTKKE ou KDKE, quer dizer rainha-mãe. Os registros mais preciosos sobre as posições ocupadas pelas mulheres na Etiópia ocorreram na XXV dinastia, conhecida como dinastia etíope ou kushita.

A função de grande sacerdotisa (*dewat neter*) de Amon em Tebas era exercida pelas filhas dos soberanos que além do prestígio religioso, gozavam de uma importante função política e econômica. Com o fim da dinastia etíope

no Egito, as mulheres continuaram obtendo grande importância no culto do Deus Amon em Napata⁵, importante centro religioso.

Outra importante função da rainha-mãe ocorria no ritual de coroação do filho e da nora. Havia, durante a cerimônia de coroação, um momento particular no qual a Candace adotava a esposa do filho. Esse ritual legitimava a autoridade da nora que no futuro assumiria a função de Candace, exercendo funções religiosas e políticas de grande relevância, sendo uma respeitável conselheira do rei. Segundo o pesquisador Hali Hakem,

o sistema de realeza que se desenvolveu em Kush tinha algumas vantagens em relação ao sistema rígido de sucessão direta, pois eliminava o perigo de um sucessor indesejável, que se tratasse de um rei na minoridade, quer de uma personalidade impopular. A incorporação de novos membros à família real era assegurada pelo sistema de adoção, enquanto os vários contrapesos e controles inerentes, bem como a proeminência da rainha-mãe e a importância atribuída à legitimidade da descendência, garantiam a sua continuidade no poder (HAKEM, 1983, 304).

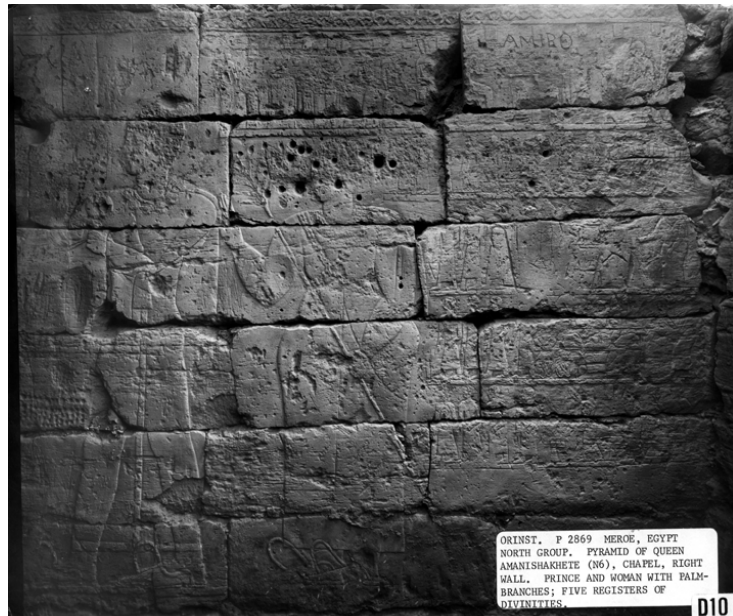
No complexo sistema sucessório, destacamos as principais Candaces da lista de Hintze⁶: 1) Shanakdakhete (170-160 a.C.); 2) Amaniremas (80-65 a. C.); 3) Amanishakete (41-12 a. C.); 4) Amanitare (12-12 d. C.).

Nas imagens em templos e pirâmides as Candaces foram representadas com seios fartos e quadris largos que, provavelmente, remetem a um padrão de beleza das mulheres desta sociedade. Também, as representações voluptuosas dos seios e dos quadris indicam sinais de grande fertilidade da Candace, principal mãe e mulher de Méroe.

Vejamos a figura da Candace Amanishaquete entalhada na parede de sua pirâmide em Méroe:

⁵ Nas narrativas de Heródoto a cidade de Méroe é descrita como a Capital dos etíopes. A substituição da Capital de Napata para Méroe, provavelmente, ocorreu entre os séculos VI ou V a. C. Mesmo após a mudança da Capital, Napata continuou sendo um importante complexo religioso até o final do século IV.

⁶ A lista de reis apóia-se nos artefatos encontrados nas sepulturas reais escavadas por Reisner. A ordem fundamenta-se na posição das sepulturas nas necrópoles, partindo dos lugares mais importantes e melhores para os locais menos importantes. A duração de cada reinado foi calculada pelo tamanho das pirâmides e pela quantidade de objetos encontrados no espólio funeral.



A Candace Amanishakete, entalhada no centro da parede, segura um ramo de palmeira e veste um espécie de vestido longo até a altura dos tornozelos. A imagem segue o padrão físico representado em diversos documentos iconográficos, a saber: seios fartos, cintura fina, quadris largos e formas arredondadas.

A liderança familiar, religiosa, educacional, política, econômica e militar das Candaces estimulou a produção de representações sociais das soberanas rainhas em diversas instituições culturais brasileiras contemporâneas, dentre as quais destacamos as produções recentes do Bloco-afro Ilê Aiyê de Salvador e a Escola de Samba Salgueiro do Rio de Janeiro.

Em 2006, o Salgueiro apresentou seu enredo à comunidade e aos compositores. O tema *Candaces* foi escolhido para representar a agremiação no carnaval de 2007.

A composição de Dudu Botelho, Marcelo Motta, Zé Paulo e Luiz Pião venceu a concorrida disputa para a escolha do samba-enredo da instituição. A letra vitoriosa apresenta as seguintes representações e discursos sobre as Candaces:

Majestosa África/Berço dos meus ancestrais/Reflete no espelho da vida/A saga das negras e seus ideais/Mães feiticeiras, donas do destino.../Senhoras do ventre do mundo/Raiz da criação/Do mito a história/Encanto e beleza/Seduzindo a realeza/Candaces mulheres, guerreiras/Na luta... justiça e liberdade/Rainhas soberanas/Florescendo pra eternidade (bis)/Novo mundo, novos tempos/O suor da escravidão/A bravura persistiu/Aportaram em nosso chão/Na bahia, alforria/Nas feiras tradição/Mães de santo, mães do samba!/Pedem proteção/E nesse canto de fé/Salgueiro traz o axé/E faz a louvação (...)

A Escola de Samba Salgueiro estabeleceu em seu discurso uma associação das Candaces da Antiguidade (soberanas, mães e guerreiras) com as mães de santo e as mães do samba que exercem sua majestade nas ações solidárias do cotidiano, adquirindo respeito de diversas comunidades negras brasileiras.

No discurso da agremiação predominou a representação da *grande mãe* com uma concepção tríplice de maternidade. Em primeiro, a África é vista pelo tradicional imaginário da *mama África*, o continente é concebido como berço e origem. Em seguida, as mães guerreiras e zelosas por seus filhos soberanos são personificadas pela figura das Candaces. Por fim, as mães negras do Brasil são apresentadas pelo Salgueiro através das figuras tradicionais das mães do samba e das mães do terreiro, mulheres respeitadas pela postura comunitária e espírito materno.

Em 2007, um ano após o Salgueiro apresentar o enredo *Candaces*, o Bloco-afro Ilê Aiyê sugeriu o tema *Candaces, as rainhas do Império Méroe* para o carnaval de 2008. Na apresentação do enredo à comunidade do bairro da Liberdade em Salvador, os dirigentes do Ilê Aiyê, no site oficial do Bloco-afro, mostraram os objetivos da instituição com a escolha deste enredo: “O Ilê mostrará o poder político e a organização da mulher na África e seus reflexos no Brasil. Candaces como o grupo de mulheres do Alto das Pombas, Dete Lima, Ruth de Souza, Leci Brandão, Gaiaku Luiza e Lélia Gonzáles terão a visibilidade e o reconhecimento que merecem na história do Brasil”. O Ilê Aiyê

cantou sobre e com as mulheres guerreiras que foram exemplos de luta para a consolidação dos movimentos negros e defesa dos direitos das mulheres negras.

Após a apresentação do enredo e abertura do concurso para selecionar a letra que representaria o bloco na avenida, a canção vitoriosa foi elaborada pelos compositores Amilton Lopes, Marcos Alves e Milton do Sina:

Rainhas negras, as pirâmides do rei / Lutam para simbolizar / E edificar o reino Méroe / Nefertiti, Cleópatra e negras africanas / Mulheres de grande influência / Bravas guerreiras a cantar / Negras candaces, negras fortes no poder / Reinando no império encantadas pelo Ilê / Hoje na Bahia / Mulheres negras do Brasil / Mãe Hilda negra serena, Dete Lima força mil / Leci Brandão beleza negra, arte, poesia e canção / Na gestão do Ilê Aiyê / Laços de confraternização (...).

O conceito de Candace foi ampliado no discurso do Ilê Aiyê. As Candaces não são apenas as rainhas mães de Méroe, mas também todas as mulheres guerreiras que se destacaram ao longo da história africana e brasileira. Nefertite e Cleópatra são celebradas em uma tradição que considera o Egito como uma grande sociedade africana, logo, negra. Essa representação do Egito nos enredos e desfiles dos blocos-afro de Salvador foi inaugurada com o grande desfile do Olodum em 1987 com a composição Faraó divindade do Egito.

As Candaces do Ilê Aiyê personificam a mulher guerreira. Associou-se a belicosidade das rainhas na Antiguidade com as atividades combativas das mulheres negras brasileiras que lutaram pelo fortalecimento dos movimentos negros e políticas afirmativas.

A belicosidade das Candaces, tão destacada no enredo do Ilê Aiyê, foi observada na documentação latina e nos documentos iconográficos encontrados nos principais sítios arqueológicos do Sudão. A condição de guerreira e conquistadora visualiza-se na seguinte imagem localizada no sítio arqueológico de Naga:



A Candace foi representada em uma postura guerreira e dominadora. Em sua mão direita estão prisioneiros seguros pelos cabelos. Em sua mão esquerda uma espada é sustentada como se preparasse para deflagrar um golpe contra os inimigos subjugados.

Considerações finais

As candaces foram representadas nos documentos textuais e imagéticos da Antiguidade com atributos guerreiros, mas ao mesmo tempo, mães zelosas pela formação de seus filhos soberanos. Essas representações da Antiguidade serviram de inspiração para a elaboração dos enredos da Escola de Samba Salgueiro e no Bloco-afro Ilê Aiyê que relacionaram as candaces africanas com as negras guerreiras e mães da sociedade brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS

Documentação Textual

- ESTRABÃO. *A Geografia de Estrabão* (texto em grego e em inglês, versão de H. L. Jones). Col. «The Loeb Classical Library», 8 vols., MCMLIX.
- HERÓDOTO, *História*. Trad. de Mário da gama Kury. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 1998.
- PLÍNIO. *Naturalis Historia* (texto em grego e em inglês, em 10 vols.). Trad. de H. Rackham, W. H. S. Jones e D. E. Eichholz. Col. «The Loeb Classical Library», Cambridge (Massachusetts). Harvard University Press / London, William Heinemann, MCMXLIXMCMLXII.

Bibliografia

- AZIZ, Philippe, *Os impérios negros na Idade Média*. Rio de Janeiro. 1978.
- BAINES, J.; MÁLEK, J. *O mundo egípcio*. Rio de Janeiro: Edições Delprado, v. 1-2, 1996.
- BERNAL, Martin. *Black Athena: The afroasiatic roots of classical civilization: the archaeological and documentary evidence*. New Jersey, Rutgers University Press, 1989.
- BUSTAMANTE, R. M. da C. Representações visuais das mulheres nos mosaicos norte-africanos: isotopia e gênero. *Phoênix*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 316-352, 2003.
- BUSTAMANTE, R. M. da C. Latim, púnico e berbere na África Romana: identidade e alteridade. *Phoênix*, Rio de Janeiro: Sette Letras, v. 2000, p. 312-327, 2000.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DIOP, Cheikh Anta. *Precolonial Black Africa: a comparative study of the political and social systems of Europe and Black Africa, from Antiquity to the Formation of modern States*. Westport: Lawrence Hill & Company, 1986.
- FRANK M. Snowden, Jr. *Before color prejudice*. London: Harvard University Press Cambridge, 1983.
- _____. *Blacks in antiquity*. Harvard University Press Cambridge, Massachusetts, 1970.
- A. M. ALI HAKEM. *A civilização de Napata e Méroe*. In: MOKHTAR, G. (coord.). *História Geral da África*. v. 2: A África Antiga. São Paulo - Paris: Ática – UNESCO, 1983.
- KI-ZERBO, J. *História da África Negra*. Volume II. Lisboa: Europa-América, 1991.
- MAHJOURI, A. O período romano e pós-romano na África do Norte. In: MOKHTAR, G. (coord.). *História Geral da África*. v. 2: A África Antiga. São Paulo - Paris: Ática – UNESCO, 1983.

- MELLO, José Guimarães. *Negros e escravos na Antiguidade*. São Paulo: Ed. UNIMAR, 2000.
- MOKHTAR, G. *História geral da África: A África antiga*. São Paulo: Ática, Vol. II 1983.
- REISNER, G.A. Von. 1910. The Archaeological survey of Nubia. Cairo, National Printing Department. V.1.
- _____. 1917, 'Excavations at Napata, the Capital of Ethiopia'. *Bulletin of the Boston Museum of Fine Arts* 15, No. 89.
- _____. 1918(a), Preliminary Report on the Harvard-Boston Excavations at Nuri: The Kings of Ethiopia after Tirhaqa. Harvard African Studies, vol.2, Varia Africana.
- SHINNIE, P. L., *Méroe – uma civilização do Sudão*. Lisboa: Editorial Verbo, 1967.
- SILVA, Alberto da Costa, *A Enxada e a lança*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- VERCOUTTER, Jean. *O Egito Antigo*. São Paulo: Difel, 1986.
- VIDROVITCH, Catherine Coquery. *A Descoberta de África*, Lisboa: edições 70, 1965.